

DE / PARA:**A (DES)ROMANTIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO E DO REFÚGIO A PARTIR DA
OBRA CORREIO NOTURNO, DE HODA BARAKAT***Karime Ahmad B. Cheaito¹*

Resumo: O presente ensaio tem como objetivo desenvolver uma crítica acerca da romantização realizada sobre os processos migratórios e de refúgio. Para isso, utilizou-se a obra *Correio Noturno*, de Hoda Barakat, para desmistificar as leituras enviesadas que não consideram a exclusão, segregação e violências que os imigrantes e refugiados sofrem quando passam a pertencer a se identificar nesta categoria. Para isso, utilizou-se autores como Said (2013); Osman (2018); Sayad (1998); Fanon (2011); e Faustino e Oliveira (2021), que desenvolvem uma leitura crítica e minuciosa a respeito do processo que envolve além da saída-chegada de um país para outro. Visa-se considerar, no presente trabalho, as experiências subjetivas e os traumas que estes sujeitos vivenciam nesta mudança para um não-lugar.

Abstract: This essay aims to develop a critique of the romanticization of migration and refugee processes. To this end, the work *Night Mail*, by Hoda Barakat, was used to demystify the biased readings that do not consider the exclusion, segregation and violence that immigrants and refugees suffer when they belong to identify themselves in this category. For this, authors such as Said (2013); Osman (2018); Sayad (1998); Fanon (2011); and Faustino and Oliveira (2021), who develop a critical and detailed reading of the process that involves beyond the departure-arrival from one country to another. The aim of this study is to consider the subjective experiences and traumas that these subjects experience in this change to a non-place.

Artigo recebido em: 08/10/2023

Artigo aceito em: 14/10/2023

¹ Mestra em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança (PPGEST/UFF). Graduada em Ciências Sociais (2019) nas modalidades de Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Faculdade de Filosofia e Ciências, campus de Marília, com área de concentração em Ciência Política.. Membro do Grupo de Pesquisa Democracia, Militares e a Esquerda Militar, coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha, e do Grupo de Pesquisa Marxismo, Estado, Política e Relações Internacionais, coordenado pelo Prof. Dr. Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos. Realiza estudos na área de Política Internacional, com foco em Oriente Médio; Questão Militar e Política no Líbano; Hezbollah; e Terrorismo.

Introdução

O que sabemos sobre as pessoas que viveram guerras civis, violência, destruição, perda, desilusão e, necessariamente, um medo atroz? Como elas evoluem, o que muda nelas e endurece? No último quadrante da vida, naquele em que a morte se torna próxima e intensamente previsível, o coração não é mais do que uma bomba de uso prático. Sangue quente que jorra vigorosamente em nossos órgãos para escapar, só para escapar e nada mais (Correio Noturno, 2020, p. 141).

Segundos dados do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados (ACNUR), ao fim de 2020 o número de pessoas que se deslocaram, interna e externamente, por causa de conflitos, perseguições, violências, entre outros, chegou à 82,4 milhões. No interior desta estatística, 42% - que corresponde a quase 35 milhões – são crianças abaixo dos 18 anos. A ACNUR (2021) estima que, entre 2018 e 2020, cerca de um milhão de crianças nasceram como refugiadas.

A Guerra da Síria, iniciada em 2011, tornou-se o ponto mais crítico do Oriente Médio no que concerne os deslocamentos forçados. A grande maioria dos refugiados e emigrantes deslocaram-se para os países ao entorno, como Líbano – que vive atualmente uma acentuada crise econômica e política – e a Jordânia. De acordo com Victor, Sanches e Delfim (2021), o aumento dos fluxos migratórios aumentou as demandas por auxílio e assistência humanitária não apenas dos sírios, mas também da própria população anfitriã da região, que recebeu um grande contingente de migrantes e refugiados.

Desde a crise mundial de 2008, e mais especificamente a partir de 2015, observa-se a ascensão mundial da extrema-direita e dos seus discursos que enfatizam a recusa aos refugiados (ZACCARA; GONÇALVES, 2021). No interior deste cenário, intensificou-se as narrativas anti-migrantes, assim como práticas racistas e xenóforas.

A obra *Correio Noturno*, de Hoda Barakat, apresenta cinco cartas de migrantes e refugiados árabes (os quais não se explicita especificamente de que país são) que, por diversas e específicas razões, precisaram sair de suas terras natais. Ao emigrar, se depararam com as dificuldades de se estar em um lugar onde eles não se sentem inclusos ou pertencentes, sempre enquadrados em funções marginalizadas e no campo das estigmatizações. Nesta ficção, a autora desromantiza as perspectivas e leituras que retratam os migrantes, refugiados e/ou exilados sob um olhar idealizado e apresenta a

própria subjetividade e experiências deles em um local onde, a todo momento, são identificados e reforçados como o “Outro”.

Deste modo, este ensaio tem como objetivo apresentar os processos de refúgio e migração a partir de uma perspectiva que considera o caráter subjetivo e as experiências negativas vivenciadas por aqueles que são os protagonistas deste processo², vítimas constantes do fenômeno contemporâneo denominado de xeno-racismo. Para isto, utilizar-se-á a obra *Correio Noturno* como base norteadora para, principalmente, exemplificar e fundamentar os argumentos acerca das vivências dos migrantes e refugiados não-brancos em países europeus.

Para isso, o trabalho está estruturado do seguinte modo: 1) uma apresentação da obra *Correio Noturno*, de Barakat; 2) Breve apresentação teórica sobre refúgio e migração; e 3) o fenômeno do xeno-racismo e a exclusão daqueles que se encontram fora de seus espaços natais. Visa-se, ao fim, estabelecer um diálogo entre a temática em tela e os relatos trazidos nas cartas que compõem a obra *Correio Noturno*.

***Correio Noturno*, de Hoda Barakat**

Embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2013, p. 33).

Embora a análise de Edward Said seja correta ao fazer referência às histórias românticas que são contadas na literatura sobre os exilados, destaca-se que isso não se repete na obra de Hoda Barakat. *Correio Noturno* (*Barid al layl*, em árabe), foi publicado originalmente em 2017 e traduzido para o português em 2020, pela Editora Tabla. A tradução direta do árabe, feita por Safa Jubran, representou a primeira publicação de Barakat no Brasil. Esta ficção foi vencedora do Prêmio Internacional de Ficção Árabe (IPAF) em 2019 e a escritora, nascida no Líbano em 1952, tornou-se a segunda mulher a receber o prêmio.

² Sobre esta temática, utilizar-se-á fundamentalmente: Said (2013); Osman (2018); Sayad (1998); Fanon (2011); e Faustino e Oliveira (2021)

O livro é um romance que conta, através de cartas-depoimentos, a história de personagens árabes – os quais não sabemos exatamente o local de origem – que precisaram emigrar para países do Ocidente. Em cada uma das cartas, são retratadas histórias íntimas, em tons de confissão, que revivem traumas, erros do passado e arrependimentos que impactam, até o momento da escrita, a vida dos protagonistas.

Embora as cartas sejam pessoais, elas refletem de forma intensa a situação de milhões de pessoas deslocadas de suas terras natais, as quais possuem, muitas vezes, sua humanidade e seus direitos roubados. Cada uma dessas pessoas das cartas se vê em busca de algum sentido, salvação e/ou perdão. *Correio Noturno* fala sobre a situação de ser um migrante ou refugiado que se depara com o desamparo das instituições governamentais e da sociedade, assim como as consequências, psíquicas e sociais, desta exclusão.

A obra apresenta as experiências subjetivas que existem na mudança de um lugar para outro, ambiente este que se torna um não-lugar, onde a pessoa não se sente pertencente e se identifica, em todas as situações, como o “Outro”. Neste quesito, Barakat apresenta em sua obra quase uma análise sociológica dos migrantes e refugiados. A busca feita pelos personagens por um Ocidente de oportunidades, para fugir das condições locais que os levaram a migrar, reflete também os desejos e idealizações dos migrantes árabes que buscam, principalmente na Europa, a garantia do sucesso. Ao chegar nestes locais de destino, contudo, os personagens se deparam com a exclusão, a discriminação e as dificuldades que aparecem como inerentes a sua condição, sempre reforçada: imigrante e/ou refugiado.

A tradução feita por Safa Jubran reproduz a linguagem breve e condensada, extremamente potente, da obra, transmitindo, em poucas palavras, os sentimentos humanos em suas maiores complexidades e contradições. As cinco cartas principais que compõem o livro, embora não tenham chegado aos destinatários visados, chegaram até uma pessoa que se identifica e se comove com a história do outro. Isso faz com que as cartas estejam sempre conectadas, cada uma com sua antecessora. A primeira carta, nesse sentido, é a que dá o ímpeto para que o próximo escreva sua própria carta, que também não chega ao destino almejado, mas é encontrada por alguém que se sentirá motivado a escrever, dando continuidade na corrente. Desperta a atenção de que as

cartas não são finalizadas, mas são sempre se encerram com ligações com um outro acontecimento – ou até mesmo pensamentos - que interrompem a escrita da carta.

A obra está estruturada em três capítulos. O Capítulo 1, denominado de *Na Janela*, é composto por cinco cartas; o Capítulo 2, intitulado *No Aeroporto*, representa os “ecos” destas cartas; e por fim, o Capítulo 3, que é um epílogo denominado *A Morte do Carteiro*.

A carta 1³ foi escrita por um imigrante que está sem documentos e destinada para sua amante, a qual ele manifesta uma contradição de sentimentos que envolve o amor e o ódio. Embora em determinados momentos ele expresse uma admiração por ela, a maior parte de seu relato manifesta uma frustração, destacando os problemas de comunicação com a mulher. Contudo, conforme a narrativa se estende e suas confissões se tornam mais íntimas, nota-se que o problema que ele possui com a mulher advém de traumas vividos em sua infância, principalmente em relação à sua mãe, a qual o colocou em um trem para que ele saísse do país de origem. Constantemente, o personagem retorna a este sentimento de abandono e de pobreza, sentindo-se incapaz de viver uma relação afetiva como aquela mulher – a quem ele destina a carta – se propunha, se identificando como um sujeito que não é digno de receber amor.

A carta 2 foi escrita por uma mulher, de 50 e poucos anos, que viaja e espera em um quarto de hotel a chegada de um homem que ela se relacionou durante a juventude – o qual não chega para o encontro. O que a leva a escrever a carta foi ter encontrado a carta 1, que, como dito, não chegou ao destino visado, mas chegou nesta outra pessoa. No quarto do hotel, ela lê a carta 1 e se comove, sentindo e refletindo sobre a dor e o amor daquele personagem. Em sua carta, a mulher reflete sobre os feitos da juventude, a velhice e o processo de envelhecimento.

A carta 3 traz o relato de um homem, que encontrou a carta anterior no aeroporto e começou a escrever como foi torturado e se tornou um torturador. Direcionada à sua mãe, o escritor da carta descreve como foram as torturas que sofreu após ser levado de sua casa e como foi o processo de se tornar um violentador, em tom de justificar as decisões que precisaram ser tomadas em sua vida para que não fosse morto ou

³ Chamaremos aqui de carta 1, carta 2, e assim consecutivamente, embora na obra as cartas não estejam enumeradas.

continuasse sendo torturado. No momento em que escreve a carta, o personagem se encontra como um imigrante ilegal e em fuga, visivelmente atormentado pelas atrocidades que viveu, mas, principalmente, por aquelas que cometeu. O medo de ser encontrado é uma constância em seu relato, e, ao escrever à sua mãe, nota-se uma busca por compaixão materna e, talvez, um perdão.

A carta 4 foi escrita por uma mulher que, novamente, encontrou a carta anterior e decide contar ao seu irmão preso sobre a morte da mãe. Ela descreve como possuía uma magoa de sua mãe, que a forçou a casar muito jovem e, por isso, se viu obrigada a fugir daquele lugar. No país em que ela passa a morar, precisou se submeter aos subempregos e à prostituição para enviar dinheiro à filha e à mãe, que sempre demandava mais dinheiro.

A carta 5, que encerra o primeiro capítulo do livro, foi escrita por um jovem homossexual que fugiu de seu país e se tornou um imigrante. Ele direciona a carta ao seu pai com um pedido para que este o ajude a voltar para casa. Em seu relato, o desejo do retorno se torna evidente. Ele descreve suas dificuldades por ser um imigrante homossexual, abandonado pela família e pela sociedade, e que perdeu seu namorado com HIV.

O capítulo 2, *No Aeroporto*, é composto por pequenos relatos, como “ecos”, escritos por pessoas que foram citadas nas cinco cartas do Capítulo 1. Pertinente notar que, nestes testemunhos, apresentam-se novas versões dos fatos que haviam sido narrados anteriormente, evidenciando a complexidade da realidade a ser apreendida.

Por fim, o Epílogo, que retrata o testemunho de um carteiro em um país em guerra, que se dedica para que as cartas cheguem aos seus destinatários, muitas vezes lendo as cartas às mulheres analfabetas.

Como mencionado, todas as cartas foram desviadas dos seus destinatários e dos seus objetivos iniciais. Nota-se que, além da temática central da obra – os relatos de migrantes - é possível apreender um outro elemento de suma importância para a escritora: os fluxos, as comunicações e as interrupções destas comunicações, como vozes que se perderam em meio às situações de abandono e exclusão, momentos esses vivenciados por aqueles que se viram obrigados a saírem de suas terras natais. Como demonstrado nas páginas 114-115: “Essa carta, que não chegou ao destinatário, parecia

ser uma voz que não foi ouvida por ninguém desde sempre. Essa mulher perdeu a voz quando nasceu”.

Em outra passagem, é possível observar que esta ruptura não ocorre apenas nas comunicações, mas também nas próprias relações com as pessoas mais próximas as quais as cartas se destinam: “(...) me dá vontade de falar com você, que não me vê há muitos anos nem sabe nada de mim desde que saí, ou melhor, desde que me arrastaram de casa pela primeira vez, e depois, quando passei pela casa voando e não fiquei.” (Correio Noturno, 2020, p. 68)

Os fluxos são representados pelos próprios movimentos dos protagonistas que, quando escrevem, se encontram em lugares de movimentação e passagens: hotéis, aeroportos, ruas. Isso simboliza a instabilidade e a falta de uma solidez nos lugares em que habitam: são fluxos e movimentações constantes.

Breve apresentação teóricas de refúgio e migração

Pelo menos, se esta carta chegar até você, saberá que ainda estou vivo e, apesar de todas as notícias de morte que caem sobre nossa cabeça feito pedras de argila endurecida, espero que esteja viva e tenha conseguido fugir na hora certa, por terra ou por mar (Correio Noturno, 2020, p. 70).

Neste trecho, é possível observar a ruptura de contato entre aquele que escreve a carta e aquela à qual ela se destina. Contudo, mesmo sem comunicação, manifesta-se um desejo para que ela tenha conseguido sair daquele país, assim como ele.

De acordo com dados apresentados pela UNDESA (Departamento de Assuntos Sociais e Econômica das Nações Unidas), em 2020, 281 milhões de pessoas – que corresponde à 3,6% da população mundial – estavam como migrantes internacionais. Em todo o mundo, a mobilidade de pessoas para além de suas fronteiras ocorre, majoritariamente, para os países ao entorno, como ocorre no Oriente Médio. O aumento das migrações internas, externas e os refúgios prolongados das últimas décadas está vinculado com a ascensão de denúncias de violação de Direitos Humanos e no cerne da nova crise humanitária, considerada pela ONU como a maior desde o fim da Segunda Guerra Mundial⁴.

⁴ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140619_refugiados_entrevista_hb. Acesso em 12 fevereiro 2022.

Para Said (2013), existe uma diferença de escala dos exilados de outras épocas e dos exilados dos séculos XX e XXI. O desenvolvimento da guerra moderna, do imperialismo e dos governos totalitários fizeram com que esta seja a “era do refugiado”, das pessoas deslocadas e em deslocamento e da imigração em massa. Contudo, o autor pontua que, embora toda pessoa impedida de voltar para seu país seja considerado um exilado, é necessário diferenciar exilados, refugiados, expatriados e emigrados. Nas palavras de Said (2013, p. 39):

O *exílio* tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. Por outro lado, os *refugiados* são uma criação do Estado do século XX. A palavra “refugiado” tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnorteada que precisam de ajuda internacional urgente, ao passo que o termo “exilado”, creio eu, traz consigo um toque de solidão e espiritualidade. Os *expatriados* moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais. (...) Os *emigrados* gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para um outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar (SAID, 2013, p. 39, destaques nossos).

De modo a aprofundar esta questão teórico-analítica, cabe reforçar essas distinções conceituais. O refúgio, de acordo com o Estatuto dos Refugiados de 1951⁵, identifica como motivos de refúgio temores de perseguição por motivos de: raça, religião, nacionalidade, pertencimento a determinado grupo social ou, ainda, por conta de opiniões políticas. Essa clássica definição surgiu a partir da necessidade, após a II Guerra Mundial, de se sistematizar um mecanismo de proteção internacional para amparar as vítimas de perseguição. Entretanto, entende-se que o conceito de refugiado não pode ser identificado como um conceito estático, já que as próprias dinâmicas de mobilidade estão em constantes mudanças (WALDELY; VIRGENS; ALMEIDA, 2014).

Já as migrações estiveram presentes e foram inerentes ao processo de formação das diferentes nações desde o século XIX, consistindo nas movimentações e nos fluxos de pessoas dentro e fora de seus países. Essa mobilidade, que caracteriza os processos migratórios, aumentaram durante este período de solidificação dos ideais nacionalistas.

⁵ Adotado em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, convocada pela Resolução n. 429 (V) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 14 de dezembro de 1950. Entrou em vigor em 22 de abril de 1954, de acordo com o artigo 43.

Enquanto um fenômeno social, Osman (2018) afirma que a migração é um marco das trocas culturais entre diferentes povos, constituindo uma rica relação tanto para quem recebe o imigrante, como para quem é recebido. Contudo, essa relação deve ser compreendida, também, no interior das contradições e tensões que envolvem as interações entre as diferentes nações e os Estados no sistema internacional

Existe um paradoxo que envolve as migrações que é seu estado provisório e duradouro. Em outras palavras, o migrante que se move – no âmbito doméstico ou externo – tem o intuito de permanecer provisoriamente neste outro lugar. Contudo, observa-se que esta permanência tem registrado uma tendência de se tornar duradoura, mesmo com o desejo do retorno. Esse paradoxo se traduz em uma constante atualização do tempo e espaço para o migrante. Ressalta-se que este sentimento de retorno acontece, pois, este sujeito se encontra em um lugar “artificial”, que não lhe é natural, sendo obrigado, muitas vezes, a assumir uma neutralidade política no país de destino. Além desta questão, a própria sociedade e muitas legislações locais são responsáveis por delimitar ao imigrante o mínimo de direitos acerca da entrada e permanência, restringindo possibilidades e a inserção deste sujeito à sociedade e ao Estado.

“Pensei comigo: seja qual for o custo e o perigo, eu vou embora. Em qualquer canto desse mundo de Deus estarei mais seguro e começarei uma vida nova.” (Correio Noturno, 2020, p. 76). Neste trecho da obra de Hoda Barakat é possível notar que, independentemente das condições as quais sejam submetidos, o anseio de sair do local de origem é maior e, como no caso do personagem, mais seguro do que permanecer. Essa condição leva ao processo de reflexão teórica desenvolvida por Sayad (1998), pesquisador que compreende a imigração como um “processo total” que deve ser analisado desde as condições que levam o sujeito a emigrar, até as formas como este imigrante será inserido – e se será inserido – no país de destino. Nas palavras de Sayad (1998, p. 16, acréscimos nossos), a imigração é:

[um] fato social total [pois] falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica... e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento.

Para o pesquisador argelino, a migração só pode ser compreendida como um processo duplo, que envolve a (I) saída e (II) a chegada. Como ressaltado por Osman (2018), todo imigrante é, primeiro, um emigrante, que se encontra em uma relação contraditória entre o país que ele deixou – onde ele sempre possuirá uma ligação - e o país que chegou – o qual jamais pertencerá, integralmente, de fato. Outro ponto destacado pela historiadora é que toda imigração, como mencionada, é composta também pelo desejo do retorno. Na carta 5 da ficção de Barakat, esse sentimento é destacado pelo personagem: mesmo com tudo que ele enfrentou em seu país de origem, motivos estes que fizeram com que ele fosse embora, o personagem escreve para seu pai solicitando ajuda para retornar. Esse movimento, nesse sentido, deve ser entendido como intrínseco à imigração, e não apenas como reflexo das dificuldades enfrentadas pelo imigrante no país de destino (OSMAN, 2018).

No interior desta discussão, ressalta-se que a experiência migratória não pode ser analisada apenas sob o prisma de saída/chegada do migrante, mas deve considerar o encontro de diferentes padrões culturais; a necessidade de adaptação e inserção em uma nova sociedade; a construção e manutenção de um projeto familiar, entre outros. Como descrito por Osman (2018), os imigrantes carregam consigo suas culturas, histórias, tradições e, ao mesmo tempo, estão em constante interação com a cultura e valores locais do país de destino. Com isso, a identidade nacional é absorvida por estes sujeitos que, concomitantemente, influenciam e deixam suas marcas na cultura local. A pesquisadora salienta:

Vivendo num país de imigração, mesmo com toda resistência às mudanças, o imigrante fez renúncias, escolhas e seleções de valores culturais trazidos de seu país e adquiridos no novo local. Considerando identidade e cultura como processos dinâmicos, em constante elaboração e reelaboração, há que se considerar que a inserção ao país implicará renúncias, escolhas e seleções, que serão negociadas pelo imigrante em relação ao grupo ao qual se inserirá (OSMAN, 2018, p. 8).

É necessário considerar, neste sentido, as dinâmicas, interações e contradições que os movimentos e fluxos migratórios são perpassados. Existem duas questões que salientam na obra analisada e que estão interrelacionadas: I) a experiência da migração e do refúgio e II) a experiência de ser imigrante e ser refugiado. Como afirma Sayad, “o

espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (...)” (SAYAD, 1998, p.15).

De/Para: das cartas às experiências de migração e refúgio

Escrevo para você do aeroporto antes que me levem e antes de passar pela segurança. Eles observam todos os movimentos por medo de terroristas. Desde o portão da entrada municipal, vão rondando todos os cantos, vestidos à paisana. Mas eu tomei minhas precauções, vou agir como se estivesse esperando um passageiro, pois não estou carregando mala e deixei a jaqueta aberta para mostrar que não visto um colete com explosivos (Correio Noturno, 2020, página 64)

Com o objetivo de romper com os discursos romantizados, que trazem as histórias de migrantes e refugiados a partir de um prisma heroico, este subitem analisará as condições de segregações e as diferentes faces de um pertencimento, que são intrínsecos ao sujeito que vive em movimento, seja ele um migrante, refugiado ou exilado. Para isso, articula-se a discussão teórica com os relatos trazidos nas cartas que compõem a obra *Correio Noturno*. Notar-se-á que, como afirmado por Said (2013), essas experiências não podem ser vistas como algo apenas benéfico ou positivo para os sujeitos, mas são processos que carregam traumas (antes e depois da partida) e, a depender da origem deste migrante, resultam na exclusão dos imigrantes, que se tornam inferiorizados nas sociedades de destino e desvalorizados pelo Estado.

De acordo com Zaccara e Gonçalves (2021), as abordagens que analisam os processos migratórios no Oriente Médio e em países árabes em geral, são fundamentadas em leituras enviesadas e atravessadas por preconceitos ocidentais que associam os motivos que levaram um sujeito à emigração à estigmas como: “selvageria”, “incivilizados” e uma violência “natural” da região. Essas perspectivas impactam, diretamente, não apenas a análise sobre a dinâmica emigração/imigração, mas na forma como esses sujeitos serão inseridos nas sociedades ocidentais.

Os processos de exílio podem ser identificados como associados a ascensão dos ideais nacionalistas nos séculos XIX e XX, pois o nacionalismo enfatiza a retórica e a declaração de se pertencer a um lugar delimitado com fronteiras, que é composto por um povo, uma cultura. Destarte, cria-se o interno e o externo e opõe-se aqueles que são

nativos daqueles que não o são (SAID, 2013). Em outros termos, tem-se uma relação dicotômica que afirma o nacional como o lugar e o exílio como o não-lugar, aquele em que o sujeito migrante não pertence. Forja-se, de acordo com Said (2013), um sentimento de coletivo e identidades que colocam uns como superiores e os outros como inferiores.

Sobre a repulsa e exclusão daquele que passa a ser considerado o “Outro”, Fanon (2011) demonstra como o racismo é um dispositivo ideológico intrinsecamente vinculado a uma determinada ordem econômica. O racismo, desse modo, é identificado como resultado e legitimador desta ordem. Esta análise de Fanon permite com que se observe a presença dos migrantes, refugiados e exilados em posições de subemprego, exploração e informalidade. Observa-se estes dois momentos retratados na carta 4:

Tanta dor e tristeza me fizeram recordar que ela era a pessoa responsável pelo meu casamento infeliz, antes de eu completar catorze anos. Nunca me perdoou por eu ter me divorciado. Aliás, você também não. Ambos são responsáveis por eu deixar o país para *trabalhar como empregada na casa dos outros e limpar a sujeira de pessoas estranhas*, em banheiros de restaurante e quartos de hotel (Correio Noturno, 2020, p. 101, destaque nosso).

Em outro trecho: “Chorei lágrima ressentidas por minha vida e decidi me prostituir, ser uma puta, uma vadia. Afinal, qual a diferença entre uma humilhação e outra? Só o dinheiro me afastaria um pouco do cheiro dos banheiros e da sujeira deste mundo (...)” (Correio Noturno, 2020, p. 102).

Nessas duas passagens é possível apreender o desabafo da personagem ao expor as condições de trabalho as quais foi submetida após emigrar de seu país. Em um primeiro momento, ela culpa a mãe e o irmão por terem participação nos motivos que a levaram a fugir e, desde então, teria sido obrigada a trabalhar “como empregada na casa dos outros e limpar a sujeira de pessoas estranhas”. No segundo trecho, ela confessa ao irmão que começou a se prostituir para ganhar mais dinheiro e se afastar dos banheiros que limpava. Embora esta questão do desemprego, dos subempregos e dos trabalhos informais os quais os imigrantes são assujeitados esteja presente em outras cartas, nesta, em específico, demonstra-se como esta posição na sociedade está vinculada com o racismo. A identificação destes sujeitos em movimento como inferiores faz com que

estes sejam muitas vezes desprovidos de direitos básicos, como o acesso ao mercado de trabalho.

Reforçando o argumento de Fanon (2011), existe uma relação de correspondência e adequação entre o racismo e as explorações do modelo econômico vigente. O desenvolvimento e aperfeiçoamento das formas de produção capitalistas criam novas formas de racismo, que se tornam necessárias para a manutenção desse sistema. Entre elas, cita-se os subempregos e as explorações praticadas com os migrantes e refugiados. Como salientado por Faustino e Oliveira (2021), quando os migrantes e refugiados são reduzidos, em seus países de destino, à propriedade-mercadoria que possuem – sua força de trabalho – eles se veem resumidos à condição de uma mercadoria desvalorizada, subempregada, que só existem naquela sociedade se beneficiarem as grandes economias.

Acerca dessa temática, o conceito de *xeno-racismo* se propõe como uma perspectiva analítica que compreende a identificação das relações recíprocas entre xenofobia e racismo. Trata-se de um termo ainda pouco abordado nos estudos sobre migração e que pode contribuir nas análises elaboradas acerca do fenômeno. O conceito, cunhado no início dos anos 2000 pelo romancista srilankês e diretor emérito do Institute of Race Relations de Londres, Ambalavaner Sivanandan (1932-2018), visa compreender as dinâmicas contemporâneas da sociedade capitalista – especificamente a britânica – diante os processos migratórios.

Foi neste ambiente teórico, proporcionado pelo Institut of Race Relations, mas, sobretudo, provocado pelas rígidas respostas dos Estados europeus diante dos novos fluxos migratórios, que A. Sivanandan, em um diálogo com a cientista social Liz Fekete, formulou o conceito de *xeno-racism*. Em seu artigo seminal intitulado “Poverty is the New Black”, publicado sob o calor do chamado 11/09 de 2001, o autor defende que na fase atual do capitalismo global - marcada pelo constante deslocamento humano e, ao mesmo tempo, balcanização de países - o racismo adquiriria uma nova expressão: o *xeno-racismo* (FAUSTINO; OLIVEIRA, 2021, p. 196).

A proposta teórica do *xeno-racismo* não busca superar ou refutar os estudos anteriores sobre racismo e xenofobia, mas objetiva incorporar uma nova categoria analítica que permita a compreensão das novas facetas que o racismo tem se manifestado no século XXI. Segundo Fekete (2001), o racismo não é mais dirigido,

necessariamente, àqueles com a pele escura e oriundos dos antigos territórios coloniais. Este racismo do século XXI abarca, também, as novas categorias de deslocados e despossuídos que estão migrando para a Europa Ocidental. É um tipo de racismo que não pode ser, exclusivamente, codificado por cores, pois é dirigido aos pobres e perpassado pela xenofobia – um medo daqueles que lhe são estranhos. Nesse sentido, o pesquisador afirma que é uma xenofobia que traz as marcas do antigo racismo. “É racismo em substância, mas ‘xeno’ em forma.” (FEKETE, 2001, p. 24, tradução nossa).

Eu passei anos fugindo, porque nasci numa terra maldita, e aqui estou, agora, a um passo da execução. Não posso deixar de me perguntar qual teria sido meu destino se eu fosse, por exemplo, inglês ou australiano ou sueco? Será que eles me “interrogariam” dessa maneira? (Correio Noturno, 2020, p. 144)

Neste trecho do relato, presente no Capítulo 2 da obra de Barakat, o personagem – árabe e migrante – questiona e reflete sobre a forma como é tratado por policiais no aeroporto. É possível apreender, através de sua confissão, a inquietação acerca dos diferentes modos que diferentes migrantes são tratados. Segundo seu relato, torna-se notório o desabafo de que aqueles que são migrantes europeus recebem um tipo de tratamento e receptividade no interior do país de destino, enquanto outros migrantes, como os árabes retratados no livro, são majoritariamente excluídos e submetidos a violência social e estatal – mesmo que de forma indireta e simbólica.

A proposta analítica do xeno-racismo, elaborada por Sivanandan, denuncia que as discriminações, antes impostas exclusivamente às pessoas negras, foi estendida aos migrantes empobrecidos que buscam auxílios em outros países. Esses sujeitos deslocados passam a olhar para os não-exilados com ressentimentos e desconfiança. O sentimento de estranhamento passa a ser de ambas partes, por isso, o imigrante se sente constantemente não-pertencente àquele espaço e sociedade (SAID, 2013).

Os estudos sobre xeno-racismo abarcam, em suas análises, a islamofobia e a discriminação contra as populações não-brancas advindas de fora da Europa. Essa perspectiva, quando utilizada, destaca sobre a discriminação racial praticada que não é codificada pela cor de pele, mas fundamentada, muitas vezes, na diferença cultural e/ou religiosa. Com o 11 de Setembro de 2001 e a proclamação, feita por George W. Bush, da Guerra ao Terror, intensificou-se o xeno-racismo praticado contra árabes e

muçulmanos, principalmente àqueles que se encontram em situação de refúgio e imigração (FAUSTINO; OLIVEIRA, 2021).

Faustino e Oliveira (2021) propõem, em seus estudos, um conceito que complementa a concepção de xeno-racismo: a xenofobia racializada⁶. Para os pesquisadores, o conceito de xeno-racismo apresenta algumas limitações diante o atual estágio de acumulação capitalista, não abarcando as dimensões racializadas sob as quais a xenofobia tem se manifestado. Nesta perspectiva, aqueles estrangeiros – migrantes ou refugiados – que são brancos, usufruem de significações superiorizadas, diferente dos não-brancos. Embora não se aprofunde essa proposta neste ensaio, finaliza-se a exposição apresentando a ideia com o intuito de que ela possa ser um ponto de partida para outros trabalhos e reflexões.

Considerações finais

A vida ou a pobreza? Às vezes sinto que Deus criou certos seres para nada. Seres cuja vida não tem utilidade nenhuma e ninguém precisa deles para viver (Correio Noturno, 2020, p. 109)

Este ensaio buscou apresentar uma reflexão acerca dos processos migratórios e de refúgio a partir da (des)romantização dessa questão e da realidade vivenciada pelos sujeitos em movimento, que são protagonistas dessa situação. Para isso, baseou-se em uma análise dos relatos apresentados por Hoda Barakat na obra *Correio Noturno*, a qual expõem, com intensa sensibilidade, o relato de pessoas que precisaram sair de seus países e se depararam com grandes dificuldades – psíquicas, econômicas, políticas e sociais – nos países de destino.

Nota-se que as leituras enviesadas e, muitas vezes, orientalistas, que idealizam com histórias heroicas a vida do migrante e refugiado, apagam um conjunto de complexidades e realidades que são vivenciadas por estes sujeitos, ocultando as falhas,

⁶ Os autores definem a racialização como a atribuição e fixação simbólica de atributos ou estereótipos biológicos, morais, psíquicas ou culturais em determinados grupos de pessoas a partir de seu enquadramento contingente nas definições raciais locais. A racialização não se trata, apenas, de hierarquização, mas, sobretudo, de uma fetichização das relações sociais que reduz os indivíduos aos estereótipos atribuídos ao seu grupo, limitando a sua experiência vivida, subjetividade e, consequentemente, as suas possibilidades de integração (Fanon, 1952; Silvério, 2013; Faustino, 2018).

limites e problemáticas que são de responsabilidade do Estado e da própria sociedade receptora.

Por isso, considera-se de suma urgência que os estudos sobre migrações e refúgios desenvolvam instrumentos analíticos que sejam capazes de apreender as novas formas de violência que imigrantes e refugiados têm vivenciado nos países aos quais imigram. É necessário que os estudos sobre este processo identifiquem não apenas os benefícios da saída do país de origem, mas abarquem, também, as dificuldades e violências que esses sujeitos são submetidos no país de destino.

Acredita-se que, somente a partir do estabelecimento dessa crítica, será possível pensarmos e elaborarmos novas políticas públicas que, de fato, insiram estes sujeitos em movimento na sociedade, garantindo que seus direitos e possibilidades sejam equivalentes aos de uma pessoa local e que eles não sejam colocados, constantemente, como os Outros neste espaço.

Referências

FANON, Franz. Racismo e Cultura. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org). **Malhas que o Império tece: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais**. Lisboa: Edições 70, 2011.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Leila Maria de. **Xeno-racismo ou xenofobia racializada?** Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 29, n. 63, p. 193–210, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852021000300193&tlng=pt>. Acesso em: 6 fev. 2022.

FEKETE, Liz. The Emergence of Xeno-Racism. *Race & Class*, v. 43, n. 2, p. 23-40, October 2001. Disponível em: Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306396801432003>.

ONU: número de refugiados é o maior desde a Segunda Guerra Mundial. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140619_refugiados_entrevista_hb>. Acesso em: 12 fev. 2022.

OSMAN, Samira Adel. **MOVIMENTOS DE IMIGRAÇÃO, RETORNO E REFÚGIO A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA ORAL**. XIV Encontro Nacional de História Oral - Simpósios Temáticos - 23 - Migrações, exílios e diásporas em narrativas orais, 2018. Disponível em:

<http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=14>. Acesso em: 7 fev. 2022.

SAID, Edward. Reflexões sobre o Exílio. In _____. **Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios**. SP: Companhia das Letras, 2013.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante. IN _____. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SIVANANDAN, Ambalavaner. **Poverty is the New Black**. *Race & Class*, v. 43, n. 2, p. 1-5, October 2001.

UNHCR [ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados]. Global Trends. Forced Displacement in 2020. UNHCR, 2021. Disponível em: <https://www.unhcr.org/flagship-reports/globaltrends/>.

VICTOR, Cilene; SANCHES, Lilian; DELFIM, Rodrigo Borges. **Deslocamentos forçados no Oriente Médio e o ciclo de vida do refúgio na Turquia e Líbano** - da cobertura factual ao jornalismo humanitário. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 29, n. 63, p. 43–64, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852021000300043&tlng=pt>. Acesso em: 6 fev. 2022.

WALDELY, Aryadne Bittencourt; VIRGENS, Bárbara Gonçalves das; ALMEIDA, Carla Miranda Jordão de. **Refúgio e realidade**: desafios da definição ampliada de refúgio à luz das solicitações no Brasil. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 22, n. 43, p. 117–131, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852014000200008&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 7 fev. 2022.

ZACCARA, Luciano; GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos. **Migrants, Refugees, and Displaced Persons in the Middle East and North Africa**: An approach from the Global South. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 29, n. 63, p. 13–20, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852021000300013&tlng=en>. Acesso em: 7 fev. 2022.